

Trajetória e faces de Marília Júnia de Almeida Gardini: bibliotecária e docente por formação, arquiteta na ação e artista plástica na contemporaneidade.

Marília Júnia de Almeida Gardini¹

Alcenir Soares dos Reis²

INTRODUÇÃO

O texto apresentado, a seguir, corresponde à entrevista realizada com a Profa. Marília Júnia de Almeida Gardini, ex-Diretora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, atualmente Ciência da Informação, ocorrida em 18/08/2010, cujo objetivo foi o de apreender, através de sua trajetória acadêmica e profissional, as contribuições de seu trabalho para a área e, de forma significativa, para a ECI/UFMG.

Os dados sistematizados, a seguir, constituem o resultado do depoimento da professora Gardini, cuja obtenção foi norteada pelos seguintes eixos: 1. Visão sobre a ECI; 2. A área de Biblioteconomia e Ciência da Informação; 3. Dimensões pessoais e escolha da área; e 4. Visão comparativa entre a época de sua direção e a realidade contemporânea.

Porém, a partir dos dados da entrevista e dos aspectos marcantes que se tornaram evidentes nas informações prestadas pela Profa. Marília, considerou-se pertinente organizar este texto em função da dinâmica que se faz presente no depoimento, sem obedecer de forma estrita à linearidade do roteiro proposto.

É oportuno, ainda, explicitar que conforme a literatura referente à memória e à história oral aponta, há, no processo de rememoração do passado, através de relatos orais, um processo não linear de reconstituição do vivido, fazendo com que as falas aconteçam em função das reminiscências e dos elementos que são centrais para aquele que lembra.

Assim, em razão da memória se constituir perpassada por esses aspectos, a construção deste texto se ordena a partir da leitura dessa trajetória, com os olhos, o saber, as vivências e emoções da Profa. Marília.

¹ Professora Adjunta, nível III da Escola da Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, aposentada em 18/12/1991.

² Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais; Doutora em Educação pela FAE/ UFMG e Mestre em Biblioteconomia pela ECI/UFMG.

³ Este trabalho contou com a colaboração dos estudantes de graduação da ECI/UFMG, *Isabella Brito Alves e Gesner Francisco Xavier Junior*, que merecem agradecimentos pela competência, colaboração e dedicação no processo de gravação, transcrição e formatação da entrevista.

O CENÁRIO DAS ESCOLHAS: PORQUE BIBLIOTECÁRIA E NÃO ARQUITETA.

Entrevistadora - Estamos iniciando essa entrevista, visando recuperar sua trajetória profissional, acadêmica e de sua direção na Escola, com o objetivo de se constituir, como um dos elementos da memória institucional, a comemoração dos 60 anos da ECI. Eu queria que você começasse falando os motivos que a levaram a escolher a área de Biblioteconomia e como é que foi a sua chegada à Escola?

Profa. Marília - Você vai estranhar e muito. Eu não queria Biblioteconomia, mas, Arquitetura e, porventura, essa escolha da arquitetura ainda tenha um peso na minha vida profissional. Eu costumo falar que minha contribuição para a UFMG é bem concreta e bem visível, pois, está quase toda em concreto armado. Mas, não fiz arquitetura porque foi o único ano em que não aconteceu o vestibular. Estavam fazendo uma adaptação curricular e suspenderam o vestibular. Então, eu fui para o Rio de Janeiro, onde encontrei um período terrível, com muita chuva e queda de barreiras, além da queda de uma pedra grande em cima da adutora de lá. Ficamos sem água, ficamos sem notícias. Acabamos ficando e curtindo o Rio. Cheguei aqui em Belo Horizonte em uma sexta-feira, já à noite e, no sábado, ia acontecer o vestibular de Biblioteconomia. Eu soube que as minhas amigas e colegas do segundo grau se adiantaram - várias resolveram fazer Biblioteconomia - e, então, me inscreveram. Pensei, então, "por que vou fazer biblioteconomia? Não é minha área, porque vou fazer arquitetura". Mas, eu iria ficar muito parada, então resolvi fazer o vestibular. Comecei a fazer o curso e gostei dele porque era uma área mal explorada, até então. Além disso, minha professora predileta, Etelvina Lima - com quem eu discutia muito - apresentava as teorias das quais eu discordava, então, era aquela discussão eterna. Isso me encantou no curso, também.

Logo no início do curso, comecei a fazer estágio e terminei por ser contratada. Dei início na área de biblioteconomia e deixei de lado a arquitetura. O que me trouxe para a nossa área foi um mero acaso, porque não fossem as minhas amigas que me inscreveram, eu estaria hoje arquiteta, com toda certeza.

A BIBLIOTECÁRIA E A DOCENTE **A formação, a relação com os mestres e as experiências de trabalho**

Entrevistadora - E, de sua carreira acadêmica, do que você privilegiou como professora, como educadora, nos seus cargos, o que você gostaria de destacar?

Profa. Marília - Eu posso falar um pouco de cada coisa porque eu dei aula, fui pesquisadora, cuidei da área de extensão e ocupei diversos cargos administrativos. Trabalhei em diversos conselhos que a UFMG, até

então, tinha. Para lembrar melhor quanto ao meu currículo, trabalhei tanto como analista, como cientista da informação, na qualidade de diretora; como administradora; consultora; assessora ou funcionária na Escola de Ciência da Informação; e na Administração da gerência de setor de Ensino Pesquisa e Extensão. Durante o período da minha gestão de diretora, foi construído o prédio da Escola, com oito mil metros quadrados de espaço planejado para atividades acadêmicas. Foram projetados, equipados e implantados dois laboratórios para ensino e pesquisa, os serviços de extensão foram ampliados e aprimorados e novos cursos de pós-graduação começaram a ser ministrados. Desse modo, foi uma gestão plena e uma experiência que tive enquanto diretora da Escola - até então, de Biblioteconomia, hoje Ciência da Informação - e eu já vinha trazendo a experiência de ter planejado e construído o prédio da Biblioteca Central. Foi outro cargo de diretoria ocupado por mim, da Biblioteca Universitária, de 1976 até 1982. Na Escola de Ciência da Informação, de 1986 até 1990, e eu me aposentei em 1991.

Na Biblioteca Universitária, enquanto diretora, eu fiz a análise e o projeto de implementação da gerência no sistema de bibliotecas da UFMG, que incluiu a definição do sistema de planejamento e a construção da Biblioteca Central, com quinze mil m². Fiz, também, a organização técnica e política das vinte e quatro bibliotecas setoriais, bem como a elaboração do planejamento estratégico e do plano de metas do sistema e reorganização técnica da coleção bibliográfica, no início do processo de automação do sistema de bibliotecas da UFMG.

Foi um período mais longo, porque normalmente toda diretoria é de quatro anos, mas essa me ocupou durante seis anos completos e foi, também, uma diretoria super proveitosa.

Porém, foi um período de discussões imensas na UFMG, tanto quanto aos bibliotecários, que não queriam saber de Biblioteca Central, quanto às unidades, que estavam no centro ainda, como por exemplo, a FAFICH, a Faculdade de Direito - que não irá para a UFMG - e de outras faculdades como a FACE e Engenharia. Todos se rebelaram contra a ideia de se ter uma Biblioteca Central no Campus da UFMG... Foi muito proveitoso porque, apesar de ter sido de grandes pelezas, houve também grandes vitórias. Então...

ADMINISTRADORA E CONSTRUTORA: A FEIÇÃO ARQUITETA

Biblioteca Central: sonho e ação

Entrevistadora – Então, dentro disso que você está falando, conte-me um pouco quais foram os elementos, por que você buscou a construção da Biblioteca Central e a construção da Escola; quais foram os elementos acionadores desse esforço de garantir esses espaços para a Biblioteca Central e para a própria Escola?

Profa. Marília - Eu sempre fui uma pessoa muito otimista, eu sempre acreditei em tudo que fazia. Hoje, lendo "Segredo", descobri que toda a minha vida foi como a lei da atração, sempre acreditando. Antes da

minha gestão na Biblioteca Universitária, apenas D. Etelvina de Lima tinha sido diretora por um longo período e Isis Paim por um curtíssimo período. Mas, já se pensava em fazer uma Biblioteca Central e, inclusive, a tese de D. Etelvina foi sobre a existência de Bibliotecas Centrais em seus diversos ângulos e já tinham projetado um prédio para a Biblioteca Central, que foi elaborado pela Prefeitura da UFMG. Eu fui uma diretora jovem - uma vez que estava com vinte e seis anos quando assumi a diretoria da Biblioteca Universitária - e busquei conhecer tudo que havia a respeito do tema. Era uma época em que várias universidades estavam migrando para bibliotecas centrais, como por exemplo, Brasília, Curitiba, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E naquele "boom" de bibliotecas, totalmente centralizadas, na nossa opinião, era necessário centralizar as unidades básicas que já estavam no campus - como ICEX e ICB - e uma que vinha para o campus que era a FAFICH, atingindo o ciclo básico e a graduação.

Foi então que encontrei o projeto feito pela Prefeitura da UFMG, já citado, e que foi recusado no todo. Era um projeto que previa um prédio de três andares, sendo dois no subsolo e que não tinha possibilidade de ampliação futura. Então, recusei o projeto e parti em busca de um projeto melhor, um projeto onde já pudéssemos imaginar vinte, trinta, cinquenta anos pela frente. E foi assim que o novo projeto nasceu: da ideia, depois foi para o papel, com um jovem arquiteto, que partiu junto comigo a procura de bons exemplos, bons modelos. Então nós fomos conhecer todas as bibliotecas centrais, analisando as vantagens e desvantagens de cada prédio e de cada sistema de centralização.

Como já havia comentado, eu já tinha aquela tendência para arquitetura e nós fomos desenhando, discutindo o projeto... Um projeto que nasceu desta maneira. Muito bem, projeto pronto. Aprovado. E o dinheiro? Onde vamos arrumar dinheiro? A UFMG não tinha. Não havia ninguém na UFMG com interesse em procurar por recursos destinados para sua construção. Parti, então, para Brasília. Passou a ser a minha ponte aérea semanal e acabei convencendo o CEDATE a financiar sua construção e equipá-lo, bem como mobiliá-lo. O prédio da Biblioteca Central não tem um tostão da UFMG, todo dinheiro foi conseguido via projeto, a construção financiada pelo CEDATE, depois o mobiliário pelo FINEP e equipamentos pelo CEDATE de novo.

Quando você acredita naquilo que você está fazendo e você tem o conhecimento e o poder de fazer projetos, tendo o jogo de cintura para ir lá e lutar, você vai conseguir atingir suas metas. Essa foi, para mim, uma honra, um fato que eu sempre falo com o maior orgulho. Ter construído o prédio da Biblioteca Central, sem um tostão da UFMG. Muito pelo contrário, ainda tive que segurar o dinheiro que veio para a Biblioteca Universitária - e somente para ela - porque, senão, teria sido dividido entre várias unidades, em outras rubricas.

Foi assim, uma experiência bem vasta, muito satisfatória, e eu saí de lá de cabeça erguida e feliz por ter deixado todo o projeto do Sistema de Bibliotecas da UFMG em um ponto irreversível.

A mudança da Biblioteca Universitária do prédio da Reitoria para o prédio da Biblioteca Central foi feita de um dia para o outro. Não teve inauguração, não teve ajuda nenhuma de nenhum órgão da UFMG. Devido à nossa coragem, não permitimos que o prédio fosse ocupado pelo CECOM, nem por outro órgão qualquer da própria UFMG.

O prédio ficou sem placa de inauguração, mas, no ano de 2009, fui convidada a participar dos 25 anos da Biblioteca Central, quando foi colocada a placa onde consta a data de sua inauguração e quem estava na direção da Biblioteca Universitária. Fui múltipla vezes citada em todos os discursos e recebi várias homenagens. Foi muito emocionante. Então, com essa bagagem, com essa luta toda e com o fato de já termos deixado a biblioteca instalada, com as áreas todas ocupadas, os arquivos, os catálogos e, também, iniciado a instalação do projeto de automação das bibliotecas, me dou por satisfeita com os feitos, nesses seis anos.

Nesse meio tempo, eu também resolvi fazer o mestrado e tive dois filhos.

Voltei para a Escola de Biblioteconomia e fui logo nomeada como chefe do departamento. Então, em 1986, aconteceu a primeira eleição de diretor de unidade. Antes era formada uma lista tríplice, onde o Conselho Universitário era quem indicava o diretor. O mesmo ocorria para reitor. Era feita a lista tríplice, para o Ministério da Educação fazer a indicação. Foi a primeira vez que a UFMG elegeu um diretor de unidade, na qual eu fui eleita, disputando com Paulo Terra e Cristina Ferreira Pinto.

A CASA SONHADA: ESPAÇO DEFINITIVO DA ECI AOS 40 ANOS

Entrevistadora - Como você está rememorando essa faceta do trabalho de construção e, nessa época, eu já estava na Escola, então eu me lembro.

Profa. Marília - Exatamente. Você se lembra? Eu também ia todos os dias à obra, tal como fazia na construção do prédio da Biblioteca Central.

Entrevistadora - Eu queria que você falasse um pouco também dessas provocações, que terminaram fazendo com que você constituísse esse caminho.

Profa. Marília - Exatamente, construção de dois prédios. Eu sempre falo: uma só pessoa, duas gestões de dois órgãos, dois prédios construídos. É muito bom poder falar sobre o prédio.

Até então, a Escola de Biblioteconomia era nômade, tendo habitado diversos prédios da UFMG. Quando entrei como estudante, eu tinha dezessete anos e meu curso funcionava na Reitoria. Antes disso, funcionou no subsolo da FAFICH e, antes mesmo disso, no Instituto de Educação, no centro de BH. Mas, veio para o campus na Pampulha quando foi construído o primeiro prédio, que foi o da Reitoria. E a Biblioteconomia foi inserida no 5º. andar da Reitoria. Depois dali, funcionou em uma

pequena ala da Faculdade de Educação, e, por último, no prédio da prefeitura da UFMG. Então, era aquele sufoco. A gente querendo mais espaço, a Prefeitura pedindo o seu espaço. Era essa a situação do espaço físico quando eu entrei para a diretoria da Escola de Ciência da Informação. Iniciei, rapidamente, a procura de onde conseguir mais espaço, porque a Escola estava em um estado efervescente, com um grupo ótimo de professores. Já era uma Escola considerada a primeira na América Latina, já era uma Escola conhecida nacionalmente, começando a aparecer em nível internacional. Era uma Escola que, no Brasil e na América Latina, estava anos luz à frente de outras Escolas e, inclusive, várias Escolas americanas. Precisávamos ter um espaço nosso. Foi uma época, também, que a UFMG estava pretendendo utilizar os lotes que tinha no bairro Santo Agostinho e com a venda desses lotes recomeçarem a construir o campus da UFMG.

Foi uma luta incessante para conseguir a prioridade para a construção do nosso espaço, a nossa Escola. Isto porque havia propostas da FAFICH, da Engenharia, da FAE, da FACE que precisavam de mais espaço de que dispunham, eram grandes potências dispostas a ganhar com muita disputa. Era como Sansão contra Golias. E, nossa Escola, pequenininha, sem casa para morar. Tínhamos que conseguir e rápido. Porque se comessem a gastar com uma grande instituição tipo Engenharia ou FAFICH seria muito difícil que conseguíssemos alguma brecha futura. Eu já tinha experiência vasta em conselhos uma vez que já tinha ficado seis anos no Conselho Diretor e já tinha treze anos de Conselho Universitário.

A Escola de Biblioteconomia estava aparecendo, no campus, na UFMG, em outras Universidades, já tínhamos ganhado prêmios diversos nacionais, começávamos a ganhar prêmios internacionais. Então era hora de você realmente conseguir o espaço, hora de usar o jogo de cintura. Então eu consegui fazer com que o Professor Cid Veloso - reitor à época - colocasse em votação e, rapidamente, desse por vencida a proposta da Escola de Biblioteconomia. Foi um susto. As grandes potências levaram suas propostas e conseguimos ganhar.

Então, nesta fase, começa aquela peleja, tem início a proposta para construir. De início, tivemos de lutar por uma localização mais adequada, uma vez que, pela Prefeitura da UFMG, nós ficaríamos encostados no Centro Pedagógico. Precisávamos de uma área ampla, aberta. Não poderíamos ficar encostados em um barranco porque teríamos muito mofo. Se somos a Escola de Biblioteconomia, onde trabalhamos com livros, eu recusei a proposta e, mais uma vez, parti para discutir a melhor localização, o que conseguimos depois de amplas discussões. Enfim, partir para a ideia, indo para o papel até termos a obra pronta. Já tínhamos os arquitetos aliados à minha causa, por causa da Biblioteca Central. Eu escolhi os arquitetos que já tinham conhecimento suficiente para trabalhar na área de Biblioteconomia. Dois deles, depois, fizeram o mestrado na nossa Escola. Um deles, recém formado, terminou por trabalhar só na área de bibliotecas no Brasil.

Se eu tivesse tempo e prazo nós ficaríamos uma semana para eu te contar casos e mais casos... Então fizemos o projeto, que ficou muito bom como vocês podem observar. Eu até tenho aqui dois projetinhos, dois mini-projetos. No primeiro, a Escola ficou linda, mas, muito diferente das outras todas. Aqui seria o elevado nordeste que pega a frente e toda a lateral que fica ao lado da FALE e depois o elevado sudoeste que pega a roda na área da rampa. Essa roda deu problemas incríveis. Porque ela parece que está na rampa. E era isso mesmo que queríamos. Subindo a rampa e não descendo a rampa. Ficou um projeto bonito, foi inclusive o que utilizamos para fazer o convite de inauguração do prédio. Leia por favor.

Entrevistadora - "O Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Cid Veloso e a Diretora da Escola de Biblioteconomia, Professora Marília Júnia de Almeida Gardini, tem o prazer de convidar a vossa senhoria para a inauguração do prédio próprio e para a comemoração dos quarenta anos de atividades da Escola, dia doze de novembro, na Avenida Reitor Mendes Pimentel, campus da Pampulha. As dezessete horas, Missa em Ação de Graças, com participação do Corpo Coral e Orquestra de Música da UFMG. As dezoito horas, inauguração do novo prédio e lançamento do Boletim Informativo da UFMG. Apresentação da Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFMG, regência de Ângela Pinto Coelho, dentro de suas instalações, no conagraçamento das turmas de cinquenta, sessenta, setenta e oitenta."

Profa. Marília - Você pode acompanhar outro mini-projeto, onde aparecem as áreas internas da Escola. Não sei se você nota algumas diferenças nestes 20 anos, desde a construção.

Entrevistadora - Tem algumas coisas.

Profa. Marília - Primeiro andar, entrada por aqui, depois o segundo andar, o terceiro e o quarto. A única modificação que eu sinto é a biblioteca que modernizou e ampliou a área. No mais, o prédio pode ter sofrido alguma modificação, a criação de salas ou união de alguma sala... Mais todas as áreas que foram previstas - como o Laboratório de Tecnologia e Informática - que foi pensado, trabalhado dentro da área de computadores. Depois foi o Laboratório de Preservação, que era um órgão importante. Agora, imagino que toda área de pós-graduação deve ter crescido internamente.

Entrevistadora - É verdade, hoje teve uma reformulação e ampliação do número de salas e o número de alunos aumentou...

Profa. Marília - Exatamente.

Entrevistadora - Tanto na pós-graduação quanto na graduação. Hoje, há algumas propostas em discussão, inclusive por causa dessa ampliação de cursos que havíamos mencionado anteriormente...

Profa. Marília - Exatamente.

Entrevistadora - De uma readequação e aproveitamento dos espaços em função da própria dinâmica social. Mas, eu acho que o prédio, ele foi projetado com essa dimensão de crescimento...

Profa. Marília - Exatamente, exatamente. Projetado para crescer.

Entrevistadora - Muitas coisas pensadas...

Profa. Marília - Exatamente. O prédio foi construído em dois anos. Magicamente em dois anos. Na minha gestão, enquanto diretora da Escola, os dois primeiros anos foram gastos em buscar meios de ganhar espaço, vender os lotes da UFMG no Bairro Santo Agostinho e projetar tudo que a gente queria. Os dois anos seguintes foram dedicados exatamente à construção, em um espaço nobre, na avenida principal do campus, bem em frente à Reitoria, entre Letras e FAFICH. Isso foi uma coisa duríssima de ser conseguida, duríssima mesmo. Naquela época, falavam que essa área hoje, ocupada pela nossa Escola, era reservada para o curso de Computação. Que eles iam sair do ICEX e mudar para uma área frontal.

Foram dois anos aonde nós também íamos diariamente à obra - e pela primeira vez tudo foi construído com dinheiro de venda dos lotes do Santo Agostinho. Foi realmente um orgulho. O Professor Cid Veloso falava e fala até hoje do orgulho de ter aprovado a construção do espaço da Escola de Ciência da Informação, conseguido vender os lotes no bairro Santo Agostinho, conseguido dinheiro para construir, erguer o prédio e inaugurar. E ele fala isso de "boca cheia".

POTENCIALIDADES E SIGNIFICADOS PROPICIADOS PELO PRÉDIO DA ECI

Profa. Marília - O que a escola ganhou com o prédio? A Escola ganhou, em primeiro lugar, uma casa própria. Uma casa própria onde tinha todos os espaços necessários: uma sala para a diretoria, biblioteca instalada - bem instalada desde àquela época - foi tão bem instalada que hoje ganhou mais espaço. E ganhou, ainda, uma área para a equipe da nossa escola se reunir todas as tardes para tomar um cafezinho, que é onde as boas ideias nascem, na sala de café, não é verdade? Os alunos ganharam o espaço para o D.A. e outras áreas próprias para estudo e reuniões.

Entrevistadora - O Diretório Acadêmico, com todo até aquele espaço interno, com aquelas áreas, por exemplo, você pode pensar em teatro de arena não é?

Profa. Marília – Pois, é. Então, o que a Escola ganhou com o prédio? Primeiro um melhor espaço, muitas vezes maior e organizado para atender à área de graduação, à área de pós-graduação, à área dedicada à pesquisa e a extensão, então, nem se fala, dois laboratórios que eram fundamentais para o desenvolvimento do curso. Já pensou se não tivesse o LTI como seriam feitos não só ensino, mas pesquisas também, todos os gabinetes já foram criados com computador, tudo interligado com o LTI, para que você tivesse um espaço de estudo. Não existia isso. O que a Escola estava acostumada a usar em sua vida nômade era reunir os professores em um corredor com mesa, mesa, mesa, mesa dos dois lados e computador era um só, para todos utilizarem.

O que a Escola ganhou com o prédio? A Escola ganhou muito na área de pesquisa, porque foi criado um núcleo de pesquisas. Criamos também dois laboratórios, o de Preservação e o de Informática, que passaram a agir diretamente na pesquisa.

O que a Escola ganhou com o prédio? A graduação ganhou muitíssimo mais espaço e salas de aula confortáveis que hoje permitem que sejam utilizados em três turnos. Ganhou também dois auditórios que tem várias utilizações em função dos cursos. A pós-graduação, que já tinha mestrado, agora tem o doutorado, quer dizer, deixamos o doutorado já todo encaminhado, só para implantar.

O que a Escola ganhou com o prédio? A Escola ganhou imensamente na área de extensão, com espaço para montar a sua biblioteca, salas de serviço e garagem para o ônibus, que auxilia nas operações da extensão.

O que a Escola ganhou com o prédio? A Escola ganhou aparência e destaque na UFMG. Sua localização foi privilegiada uma vez que se encontra na avenida principal do campus Pampulha, e em coabitação com as Faculdades de Letras e Filosofia.

Saímos. Deixei o cargo. Terminou o meu mandato. Deixei tão feliz quanto deixei a Biblioteca Central. Uma Biblioteca Central e a Escola de Biblioteconomia, ambas construídas, prontas, habitadas e sem problemas, sem brigas. O Conselho Diretor também, que na época era uma força para a comunidade. Toda a UFMG vivia uma época fervilhante, todo mundo queria mais, mais, mais e depois no final do meu mandato...

CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO: DECISÕES, ESCOLHAS E DESAFIOS.

Profa. Marília - (...) sabe, quando acontece jogar aquele copo de água fria? Foi na época em que o Collor entrou e ameaçou que os funcionários federais iam ganhar a mesma coisa do que o INSS. Aconteceu aquela debandada e eu fui embora, junto com uma turma grande e a Escola... Eu acredito que, na época, tenha sofrido muito. Saiu

muita gente, muita gente... Mas agora não, tem muita gente nova, bem estruturada.

Entrevistadora - Agora tem mais professores. Essa trajetória da Escola, ela é importante, inclusive, pelo que ela está realizando e pelo que ela pode vir a realizar...

Profa. Marília - Exatamente.

Entrevistadora - Eu acho que é isso, dar projeção que a Escola pode ir cada vez mais...

Profa. Marília: - Eu brinco, falando que a minha contribuição foi concreta, porque está tudo em concreto. Mas não foi só o prédio, é o prédio e tudo que ele trouxe de novo. Porque, antes do prédio, nós tínhamos trezentos metros quadrados de área da Prefeitura, cedida provisoriamente. Então, ganhamos um prédio com oito mil metros quadrados. A diferença foi gritante. E tudo muito bem planejado. Já tínhamos também a vivência de ter percorrido várias bibliotecas centrais aqui e no exterior, para aproveitarmos o que tinha de melhor. É por isso, também, que a Escola ficou tão boa com esse novo desenho.

VISÃO DA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PASSADO E PRESENTE

Visão retrospectiva

Entrevistadora - Com essa lembrança, eu queria que você falasse também como é que era a época, como era definida a área na época da sua formação, como é que era pensado esse futuro.

Profa. Marília - Enquanto estudante?

Entrevistadora - Enquanto estudante e profissional. Estou te pedindo pra voltar no tempo para que a gente recupere também um pouco dessa sua experiência.

Profa. Marília - Então, vamos voltar lá para o jardim de infância. É, eu sempre fui uma aluna assim... A vida inteira, uma aluna batalhadora. Se eu não entendia o assunto buscava saber mais e discordava de muita coisa que qualquer professor falava. E não foi diferente na Biblioteconomia. Por isso, que eu me considero corresponsável por várias mudanças que aconteceram. Achávamos que não se pode ficar aceitando porque alguém falou que é assim e tem que continuar assim. E tem tanto disso na Escola... A Escola era ótima, onde todas as áreas eram discutidas.

Com isso, quando eu entrei para a Escola para ser professora, eu fui para área de classificação. Ali, nós falávamos como iguais, de professor para professor. Eu enxergava e sempre enxerguei que biblioteca era algo

muito maior que as conhecidas bibliotecas, até então. Vamos voltar um pouquinho pra trás, você fez o curso depois?

Entrevistadora - Não. Eu fiz o mestrado. Eu entrei para o mestrado, eu não tenho graduação em Biblioteconomia, eu fiz só o mestrado.

Profa. Marília - E para todo mundo biblioteca tinha que ser assim: estante cinza, arquivo cinza, tudo tinha que ser cinza, porque era o padrão que existia, até então. Eu pensava que não tinha que ser tudo cinza. Tanto que a Biblioteca Central já foi criada com cores diferentes. Como é que eu consegui estante marrom com bege e por que eu escolhi essas cores? Porque eu queria correr longe do cinza. Então, eu consegui que a fábrica das estantes as pintasse de marrom com bege. Olha... Foi um sucesso. Porque depois que eles avaliaram, depois de colocarem os livros, viram que ficou muito bom. Daí pra frente, inúmeras bibliotecas passaram a pintar de marrom e bege, como ficou a Biblioteca Central e, mais tarde, vermelhas, azuis, verdes e vários outros tons. Mas, eu acho que tínhamos que começar a abrir espaço. Biblioteconomia, para mim, nunca foi restrita a uma biblioteca, por isso que eu sempre briguei por Ciência da Informação, porque bibliotecários mexem com informação, mexem com informação aonde? Só dentro de uma biblioteca? Nunca. A televisão vive de informação, os jornais vivem de informação, o poder do mundo, na época, estava ancorado na informação. Então, eu brigava muito e abria sempre a cabeça do pessoal. Falava que não podíamos continuar considerando que bibliotecário é pra trabalhar em biblioteca, uma coisa que eu mesma já fiz.

Eu comecei como estagiária no SESC, onde escolhi a área de extensão. Ao invés de ficar como estagiária, eu fui contratada para dar aula. Antes de sair de lá, eu já trabalhava com Jandira Assumpção, no Departamento de História Natural da FAFICH, que no futuro, tornou-se o ICB. Quando eu passei no concurso para bibliotecária na UFMG, eu pedi pra continuar no ICB e ajudei a criar a biblioteca do ICB, na Praça Luiz Werneck. Era uma casa alugada, só para a biblioteca. Mas, livros com conteúdo não tínhamos e foi batalhando que conseguimos verba para o ICB. A mesma coisa eu consegui fazer para a Biblioteca Central, onde cada Escola tinha a sua verba para comprar livros... Só para comprar livros, não falava aonde iam os livros, se era para sala do professor ou se era para biblioteca de pós-graduação ou, ainda, se era para a Biblioteca Central. Muito bem, então, eu consegui junto ao MEC, que fosse criado uma rubrica específica que, no orçamento da UFMG, vinha diretamente para o orçamento da Biblioteca Universitária, para comprar livros e periódicos. Porque livros só não resolviam o problema, entendeu? A UFMG era, na época da Biblioteca Universitária, na Reitoria. Um caos em matéria de biblioteca. Faltavam livros? Claro que faltavam. E periódicos, como é que ia? Terrível. O *Chemical Abstract*, que é um periódico caríssimo e potente, na UFMG, havia oito *Chemical Abstract*. Não tinha nenhuma norma para você comprar livros, na UFMG. Então, isso é uma pontinha do

que eu estou te dando, para você ver o que significou realmente a criação do Sistema de Bibliotecas da UFMG e da Biblioteca Central para os cursos básicos.

O campo no contexto atual: uma visão geral

Entrevistadora - Os pontos que a gente teria ainda de discutir são as características da Escola na época, que de certa forma, você já falou um pouco, as conquistas também, à medida que você falou do seu trabalho, eu acho que está presente. Eu acho que é importante, talvez, você falar de como eram os cursos de graduação e pós-graduação, naquele momento, os professores, os funcionários e como é que você vê ou via essa relação da Escola com o mercado de trabalho e a sociedade. Eu acho que seria isso, e, também, como é que é essa interlocução, de como foi ou como você relembra dos pesquisadores da Escola, com as outras instituições nacionais e do exterior.

Profa. Marília - Eu posso falar de uma maneira geral de tudo?

Entrevistadora - Pode.

Profa. Marília - Todos os professores, da minha época, eram pesquisadores e considero ter vivido na Escola o cargo de professora universitária, trabalhando com ensino, pesquisa, extensão. E, também, com a administração da universidade. Os nossos cursos eram sempre avaliados e sempre modernizados. Trabalhávamos por áreas de assunto ou temas da biblioteconomia, trabalhávamos com afinco. Os alunos tiveram muito a ganhar com o curso de biblioteconomia e eram disputados enquanto estagiários. As ideias de que a informação era a base do nosso trabalho incentivou o aparecimento de empresas lidando com a informação, criadas por nossos alunos. A pós-graduação foi criada para conseguir o "status quo" dos professores da Escola, que ainda não tivessem feito o mestrado no exterior. Eu mesma participei do primeiro curso de mestrado da nossa escola, todo ministrado por professores estrangeiros. Na extensão, já havíamos criado o CENEX, e, na minha gestão de diretora, compramos o microônibus, em substituição à Kombi que mal andava. A extensão já era minha paixão desde estagiária. Todos os funcionários da Escola eram de nível superior e tínhamos uma perfeita harmonia no trabalho, como também no planejamento das funções de ambas as partes.

TRAJETÓRIA PESSOAL EM PERSPECTIVA

Profa. Marília - Agora, falando de minha pessoa, enquanto professora, pesquisadora e administradora, em relação à sociedade e instituições nacionais e estrangeiras, trabalhei na Secretaria Estadual de Meio Ambiente, no desenvolvimento sustentável climático, como consultora. Também, na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de

Minas Gerais (FAPEMIG), também como consultora. Universidade Federal de Juiz de Fora, como analista de O & M e na criação de Sistemas de Informação. No IBICT, em Brasília, como assessora. No MEC e CEDATE, como consultora para planejamento e avaliação de sistemas de informação. Na FINEP, como consultora para planejamento e avaliação de sistemas de informação. No Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), como consultora para a avaliação de projetos da rede de núcleos de informação tecnológica - onde tenho vários cargos nessa área. Na Universidade Estadual de Feira de Santana, como analista de sistemas de informação. No Serviço Social do Comércio, como extensista e professora. Como experiência acadêmica e como professora, eu dei aula de administração de bibliotecas, organização e administração de bibliotecas, seleção de material bibliográfico e audiovisual, classificação e catalogação, classificação, estágio supervisionado e estágio obrigatório. Lembrando que seis anos eu fiquei na Biblioteca Central e, depois, mais quatro anos na Escola, em cargo administrativo. Também ministrei cursos em outras instituições de ensino superior: na PUC, na Associação dos Bibliotecários, na Assembleia Legislativa, na Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, na CAPES e no Conselho Regional de Ciência da Informação. Participei da administração acadêmica de órgãos da UFMG. Diretora da Escola de Ciência da Informação, Chefe de departamento por duas vezes, Diretora da Biblioteca Universitária, Presidente da Comissão Especial do Conselho Universitário, encarregado de elaborar o regimento geral da UFMG e resoluções complementares ao regimento. Membro efetivo do Conselho Universitário durante dezessete anos, Presidente da Comissão de Legislação do Conselho Universitário, Presidente da Comissão de Informática da Escola de Ciência da Informação. Representante da Escola de Ciência da Informação junto à Comissão de Informática da UFMG. Membro efetivo do colegiado de coordenação do curso de graduação e, por *aí* vai. Uma experiência de pesquisa... Foram catorze projetos de pesquisa e, lembrando aqui, na área de pesquisa, eu trabalhei também no Núcleo Especializado em Capacitação de Pessoal de Informação Tecnológica para Indústria.

Resolvi falar de uma maneira geral, tanto da área acadêmica, como da área administrativa e, também, da área de pesquisa, porque eu acho que todos que estão na UFMG, principalmente, se têm que ter dedicação exclusiva, devem ter cargos nestas três áreas. Como eu já havia falado, a Escola de Biblioteconomia, que estava naquele período de excitação total e todo mundo buscando o melhor, doar o melhor de si para o futuro da biblioteconomia, com a construção do prédio, aconteceu aquele "*boom*". Aí, realmente tornou-se a melhor Escola de Biblioteconomia de nível internacional. Isso trouxe com ela a área de pesquisa, a área de extensão e a área administrativa, porque quem ali dentro já não foi chefe de departamento, pelo menos da turma da minha época. Era aquele fazer de tudo e de tudo um pouco. Eu acho que a biblioteconomia desenvolveu-se e foi em frente, enxergando o futuro que era ser Ciência da Informação, exatamente pela abertura que essa turma deu para a Escola. Eu não sei muito mais da Escola hoje. Porque vinte anos de aposentadoria, me

afastaram da Escola e eu seria incoseqüente em tentar fazer qualquer tipo de comparação.

Quando me aposentei - eu me aposentei com quarenta e dois anos - era nova demais, mas eu não queria parar de trabalhar assim, não tinha a menor intenção de parar. Eu pensava: estou no auge da minha carreira e era muito bem quista em todos os órgãos nacionais e internacionais, da nossa área. A minha especialidade me tornou uma consultora bem procurada. Eu dei umas seiscentas consultorias nos próximos 20 anos. Sempre trabalhando na área de informação, na área de tecnologia industrial básica. Foi uma experiência fantástica. Também, não tinha ninguém no Brasil especializado nessa área. Se eu quisesse continuar com a consultoria eu estaria trabalhando e ainda recebo propostas. Infelizmente mudei de área. Mudei mesmo de área, hoje eu sou artista plástica. Todos os quadros que você vê, nessa casa, foram feitos por mim.

Entrevistadora - Que ótimo, hein? Que beleza...

Profa. Marília - Você chega em um ponto e decide que já trabalhou demais, então, agora, realmente chegou minha vez de viajar... Adoro viajar... De buscar uma área mais amena, que eu possa fazer na minha casa, não que as minhas consultorias não fossem feitas no meu *home Office*, construído, ali, e que hoje passei para minha filha. Hoje, eu não trabalho mais. Não como consultora, não na área de Ciência da Informação, porque todo mundo tem um limite. Para mim basta, mas, eu ainda me considero na obrigação de prestar assistência aos últimos projetos, porque quando pego projetos de consultoria eu vou acompanhar. Eu acho uma obrigação de todo profissional íntegro, que sabe o que está fazendo e que quer ver funcionar, tem que ir se certificar se está tudo de acordo com a proposta que foi encaminhada. Então, eu ainda tenho uma meia dúzia que eu ainda visito.

Entrevistadora - Você acompanha?

Profa. Marília - Hoje, acompanho os últimos. Já faz dois anos, nos quais tive a coragem de recusar as propostas. Então foram dezenove anos de consultoria e pegando cinco projetos simultaneamente, em um ritmo que era uma loucura. Depois disso, eu dei consultoria para a Faculdade Pitágoras, onde fui ajudar a criar a Faculdade Pitágoras. Uma Faculdade particular, que precisava e muito de alguém que tivesse competência para conseguir a aprovação do MEC. Então, fiquei três anos. Depois sai de lá, continuei dando consultoria de informação industrial básica, mas, agora, chega. Está de bom tamanho... Faltou alguma coisa?

PROGNOSTICO: UMA VISÃO PARA A ÁREA

Entrevistadora - Eu queria que você me falasse um pouco de quando você pensa em toda essa sua trajetória, esse longo processo de trabalho de criação e quando você olha para a área de biblioteconomia,

mesmo você falando que agora decidiu por parar com o trabalho na área para ser artista... Quando você pensa na área, que tipo de prognóstico que você faz, o que você, do seu ponto de vista, acha que ela deveria alcançar? Quais são as limitações e os caminhos que a área deve alcançar?

Profa. Marília - Eu acho que a área de informação. Hoje, quem domina a área de informação no mundo? A internet. A internet é um poder. Não é nem ser, nem ter. É um poder. E eu acho que a Ciência da Informação tem que estar ativa na área da internet, na área da informação e buscar todos os meios, antecipar o que vai acontecer. Porque o poder da internet permite que você faça isso. Eu me assustei um pouco quando você chegou aqui e falou que aprovaram um curso de arquivologia e museologia. Museus são necessários, como você sabe, sempre, sempre, sempre. Arquivos para mim, hoje, tem por base a internet. O uso da internet te permite acessar qualquer arquivo de qualquer lugar, inclusive de órgãos públicos, do mundo inteiro. O mundo inteiro está na internet. Então, eu me assustei um pouco quando falou arquivologia, mais para trabalhar no que eu chamo arquivos mortos. Vocês chamam arquivos históricos.

Entrevistadora - É, eu falei como uma das possibilidades do curso de arquivologia, como características de Minas, mas não significa que seriam só arquivos históricos. O argumento também, além dessa dimensão histórica, é que há um mercado real, uma necessidade vamos dizer, dos próprios arquivos organizacionais; então, há uma necessidade de que as organizações também tenham esses arquivos organizados e, hoje, você tem uma demanda muito grande para esse tipo de trabalho. Eu acho que não exclui isso que você está colocando da internet, da possibilidade ou da utilização dessa tecnologia na arquivologia...

Profa. Marília - Porque o que eu conheci da Escola de Ciência da Informação leva a crer que ela continue pensando como ela sempre pensou, com visões para o futuro. Porque criar um curso de arquivologia só histórico, para mim, podia ser de nível técnico. Mas, evidentemente, eu hoje pouco vou à Escola. Então eu não vou colocar para você nenhuma comparação da Escola que eu vivenciei com a Escola de hoje.

Falo da Escola de hoje, mais pela vivência que já tive, pelos anos que eu cresci, me tornei uma profissional de competência. Eu me considero profissionalmente realizada pelo que eu conheço da Escola que era de Biblioteconomia, com visões para se tornar Ciência da Informação, e eu acredito que estes cursos vão surgir pensando no futuro. Museus têm de fazer parte de um país tão pobre de memória, como é o Brasil. Arquivos com visões no futuro e a área de biblioteconomia que eu sei que se considera uma área de informação e não mais de biblioteca, deve estar no caminho certo, com um futuro brilhante pela frente.

Entrevistadora - Agora só uma indagação. Do ponto de vista dos profissionais, por exemplo, você que tem muita experiência como consultora, já que trabalhou em diferentes lugares, o que você está falando a respeito das tecnologias, que uma visão mais de futuro deve ser um elemento presente na Escola. Se você tivesse de destacar, nessa formação, o que você acredita que seria mais preponderante?

Profa. Marília - Dos três cursos ou da área total?

Entrevistadora - Da área geral, se você quiser, destaque algum dos cursos...

Profa. Marília - Eu acredito no novo. Algo que ninguém nem pensou. Porque o futuro pra mim é sempre o novo. Porque aquilo que eu já fiz, isso tudo é passado. Acabou, passou. Mas, precisamos guardar? Precisamos, porque a memória do povo brasileiro é zero. Então, se você não tem... Eu mesma hoje, dei uma olhada depois que recebi o seu e-mail, tentei encontrar algum currículo para lembrar tudo aquilo que eu fiz em minha vida profissional, que foi para a memória da UFMG. Aposentei-me há muitos anos. Em dezembro de 1991. Já tem quase vinte anos e eu acredito no novo, por exemplo, porque que eu decidi trabalhar no chão de fábrica? Para mostrar a eles a necessidade da informação para que eles pudessem não só sobreviver, mas ir em frente, entendeu? Ir em frente porque era algo novo que eu nunca tinha visto ninguém fazer. Aprendi e muito. Foram anos de consultoria, que me ensinaram acho que quase tudo que eu sei profissionalmente hoje. Eu comecei trabalhando com metadados, há vinte anos, e, depois, passei para a área de qualidade da informação. Mas, em compensação, cresci muito buscando o novo, entendeu? Eu nunca mandei currículo para lugar nenhum. As pessoas vieram naturalmente em busca de um serviço que eu era capaz de fazer. Então, o novo tem que estar sempre em mente não só das pessoas que nasceram e se criaram ali dentro. Passei minha vida profissional oficial, os vinte e cinco anos de professora dentro da UFMG, tendo entrado para lá com dezessete anos, saí com quarenta e dois. Entrei nova demais, sai nova demais. Mas, trabalhei até os meus sessenta e um anos. Então está de bom tamanho.

Entrevistador - Está de bom tamanho.

SÍNTESE DO VIVIDO: SOMATÓRIO DOS SABERES

Entrevistadora - Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Esclarecer alguma coisa que a gente não contemplou?

Profa. Marília - Bem... Eu falei para vocês na maior sinceridade, meu currículo está aqui, um livro aberto. Aposentei-me e a partir desta data passei a ser consultora de informação e trabalhar com afinco, tendo feito muitos projetos patrocinados pelos mais variados órgãos, desde o

Banco Mundial, o IBICT, a FINEP, o Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Desenvolvimento, Indústria do Comércio Exterior, a Secretaria de Tecnologia, até o CNPq. Sem mencionar todos os contratantes, que foram muitos. Mas, muitos. Então, nos momentos vagos, entre uma consultoria e outra eu tenho trabalhado há cinco anos, já como voluntária, oferecendo alguns cursos para pessoas necessitadas, como também em creches, no Rotary Club. Um novo serviço, voluntariado, no qual tenho certeza que me darei muito bem e onde tenho interesse de ter sempre bons amigos. E, isso é hoje, vinte anos depois.

Há dois anos eu larguei definitivamente a nossa área profissional, definitivamente. Procuo nem ler mais o boletim do CRB que me mandam ainda pela internet. Mas, esse voluntariado e essa necessidade de estar procurando sempre dar mais de si do que pensar em si, é exatamente essa a mensagem que procuro transmitir para os professores atuais da Escola de Ciência da Informação e, primordialmente, com o olho no futuro. Não tenho dúvida que para continuar sendo uma Escola premiada, com cursos profissionalmente acreditados no mundo inteiro, acreditados como créditos, então é preciso ter o olho no futuro... Só isso.

Entrevistadora - Muito obrigada, Marília.

Profa. Marília - De nada. Foi um prazer imenso. Espero que tenha servido para alguma coisa.

Entrevistadora - Olha Marília, foi um prazer passar essa tarde com você, muito obrigada.

Profa. Marília - Obrigada, você. Você mexeu em uma área da minha cabeça que há muito tempo eu não pensava.

Entrevistadora - Mas, eu acho que essa caminhada e essa perspectiva de sempre fazer, buscar, resulta em vitalidade para a própria pessoa.

Profa. Marília - Exatamente. Eu comecei fazendo trabalhos para o CNPQ, porque quando eles ficaram sabendo que eu estava me aposentando, antes da minha aposentadoria ser publicada, eles mandaram um "mundaréu" de projetos. Aí, eu falei: Ops! Ainda estou na Escola de Biblioteconomia, nós vamos aguardar porque enquanto não sair a publicação da minha aposentadoria eu não estou aposentada. Daí, para frente, não parou mais.

Entrevistadora - Mas, eu acho que é isso. O seu otimismo que também te leva.

Profa. Marília - Claro. E muito obrigada digo eu. Espero que não tenha sido em vão.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Esta entrevista ocorreu na tarde do dia 18/08/2010, e, após sua consolidação, foi apresentada à Profa. Marília, para verificação dos elementos transcritos. Após a validação do texto, fez-se a organização e apresentação dos principais aspectos abordados, consolidação que permitiu, através da rememoração das experiências/vivências da Profa. Gardini, recuperar elementos centrais da Escola de Ciência da Informação, anteriormente Biblioteconomia, e entender a imbricação entre história pessoal, institucional e o contexto histórico político.

Porém, o que vale destacar, além de toda a trajetória vivida e do trabalho realizado e que, talvez, se constitua em um traço crucial, a ser incorporado como aspecto inspirador para os profissionais que estão formados ou pretendem se formar na área de Ciência da Informação, seja a capacidade de aliar sonho e ação, conforme revela a trajetória descrita. A essas dimensões deve-se, ainda, juntar uma intrínseca capacidade de se superar e construir permanentemente novos sonhos, realidade demonstrada pela entrevistada, posição que lhe permite chegar, após um profícuo trabalho, a uma nova etapa, ou seja, resgatar a "arquiteta", dando lugar à artista plástica, na contemporaneidade.

Assim, tendo como elemento as colocações de Chauí (1987), na discussão contida no trabalho de Ecléa Bosi, torna-se possível trazer para o contexto deste depoimento a reflexão filosófica e apontar que a memória é perpassada pelo significado atribuído pelo sujeito ao vivido. Portanto, é possível indagar: O que fica? Fica o que em mim significa.

¹ CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo. 1987, p.17-32.